

No jogo global, gestão de qualidade não basta

Felipe Scherer e Maximiliano Carlomagno

No jogo global, gestão de qualidade não basta

Por

Felipe Scherer e Maximiliano Carlomagno



Copyright 2009 – Innoscience

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, bem como a reprodução por apostilas, a partir desta, de qualquer forma e por qualquer meio ou processo eletrônico ou mecânico, especialmente por sistemas gráficos, fotográficos, reprográficos, xerográficos, de fotocópia, fonográficos e de gravação, videográficos, sem permissão e consentimento dos autores, e quando permitida deve ser citada a fonte.

É vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer sistema de processamento de dados.

Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e sua editoração.

A violação dos direitos autorais é punível como crime cf. Lei nº 6.895 de 17 de dezembro de 1980 (Código Penal), Artigos 184 e parágrafos 185 e 186. (Lei 5.988 de 14 de Dezembro de 1973).



No jogo global, gestão de qualidade não basta

A década de 80 e 90 provou algo que muitas pessoas não acreditavam: a qualidade pode ser assegurada independente das pessoas que participem da execução das atividades. A partir do mapeamento e estabilização dos processos, treinamento e estabelecimento dos sistemas de gestão da qualidade, empresas como Gerdau, Odebrecht, CPFL e Petrobras reduziram o desperdício, garantiram a previsibilidade da operação e melhoraram a eficiência operacional. Diversas outras empresas brasileiras de diferentes portes implementaram o modelo de gestão da qualidade e obtiveram ótimos resultados em mercados altamente competitivos.

Os ganhos substanciais advindos da gestão da qualidade foram incorporados. As melhorias contínuas para o incremento da produtividade e redução no custo continuam sendo realizadas trazendo avanços incrementais. A excelência operacional foi atingida, e agora, o que fazer? Algumas empresas perceberam que para jogar o novo jogo global precisam ir além.

O Brasil tem sido apontado por diferentes rankings (Insead – 40º lugar e The Economist – 49º lugar) como sendo um país pouco inovador. Nossas empresas investem pouco em inovação (segundo pesquisa da Booz & Company, das 1000 empresas que mais investem em inovação, apenas 3 são brasileiras – Vale, Petrobras e Embraer). A inovação recompensa os países com a competitividade necessária para capturar valor para suas empresas e sociedades. Na prática, as empresas inovadoras atingem desempenho acima da média e os países inovadores melhoram a qualidade de vida de seus habitantes. As ferramentas de inovação ainda estão distantes da pauta da maioria dos executivos brasileiros. O movimento inicial de sensibilização sobre o tema deve, agora, ser ampliado a partir de ações práticas para



transformar a inovação em algo gerenciado, assim como foi com o movimento da qualidade.

A inovação também pode se transformar e em ciência, não a ciência *hard* de laboratório, mas a ciência da gestão, a fim de abordar a inovação como um processo estruturado, induzido e gerenciado visando diminuir os riscos associados e aumentar a previsibilidade do desenvolvimento de novas ideias. Empresas brasileiras como O Boticário, SESI, Promon, Embraco entre outras têm estabelecido práticas que criam o contexto organizacional adequado para que a inovação ocorra, aumentando a probabilidade de sucesso na geração e implementação de inovações.

No mês passado o presidente Lula disse em reunião com empresários que eles deveriam acreditar na inovação e continuar investindo. O presidente está certo, porém investir mais não significa necessariamente inovar mais. A pesquisa, acima destacada, com as 1000 empresas apontou que não há relação direta entre o aumento do investimento em inovação e o aumento dos resultados desses investimentos. O mais importante é obter o que chamam de produtividade em inovação. Melhor que aumentar o volume de recursos investidos é estabelecer um processo de inovação e realizar a gestão do mesmo. Sem dúvida, produtividade, processo e gestão são palavras bastante conhecidas daqueles que já vivenciaram o movimento da qualidade. As circunstâncias são outras, as ferramentas também, já que agora é a hora da inovação!

Maximiliano Carlomagno é Diretor da Innoscience, mestre em administração e professor de graduação e MBA do IBGEN. **Felipe Ost Scherer** é Diretor da Innoscience, mestre em administração e professor da ESPM-RS. Ambos são autores do livro *Gestão da Inovação na Prática*, publicado pela Editora Atlas (www.inovacaonapratica.com.br).



inno < science

**Av. Plínio Brasil Milano 805, sala 804.
Bairro Higienópolis.
Porto Alegre - RS
Tel: 55 51 3335-1099**

**http://twitter.com/InnoScience_
innoscience@innoscience.com.br
www.innoscience.com.br
www.innoscienceblog.blogspot.com.br**

